

# PATATIVA DO ASSARÉ: POESIA QUE BROTA DA TERRA

Maria do Socorro Pinheiro\*

## Resumo

*Este estudo pretende mostrar como acontece a criação poética de Patativa do Assaré. Poeta camponês que trabalhava a terra e ao mesmo tempo criava seus poemas, expressando em sua poesia os sentimentos de seu povo. Sua poesia brotou da terra e se misturou com as sementes de milho e feijão. Era naquele meio campesino que o poeta recebia inspiração para sua poesia, a tal ponto que “pra toda parte que eu óio vejo um verso se buli”. Sua poesia se mistura à natureza e seus versos têm “o chêro da poêra do sertão”.*

**Palavras-chave:** criação poética, oralidade, memória.

## Abstract

*This study intends to show how the poetic creation of Patativa of Assaré happens. Poet farmer that worked the earth and at the same time it created your poems, expressing in your poetry the feelings of your people. Your poetry sprang from the earth and it was mixed with the corn seeds and bean. It was in that rural way that the poet received inspiration for your poetry, the such point that “for every part that me óio see a verse if I moved “. Your poetry is mixed to the nature and your verses have “the chêro of the poêra of the interior”.*

**Key word:** poetic creation, oralidade, memory.

Patativa do Assaré, poeta camponês, agricultor pobre da Serra de Santana, situada a dezoito quilômetros da cidade de Assaré, se encantou desde cedo pela poesia e de treze aos catorze anos começou a fazer versos que serviam de graça para os serranos.

Ouviu pela primeira vez a leitura de um folheto que o despertou para a poesia e um admirável dom sentiu nascer. De onde viria? Da natureza? De uma força divina? Do pai que também parecia ser poeta? De onde tirava tanta poesia? O poeta acredita que herdou esse dom de seu pai. Diz: “*meu pai foi um poeta. Pois eu herdei esse dom do meu pai*”.

Algumas coisas nos chamam atenção sobre a criação poética de Patativa: A forma de criar e a capacidade de memorização. Enquanto cuidava do seu roçado, a terra também lhe dava inspiração para fazer seus poemas que nasciam ali mesmo, misturados às sementes de arroz, milho, feijão e algodão. Patativa, nesse momento, se esquecia do mundo e pedia aos companheiros do roçado para não ser interrompido, afim de que ninguém tirasse sua concentração, passando por um processo de metamorfose, de plena interiorização em busca da poesia. Nesse ambiente campesino, aconteciam duas atividades simultaneamente interligadas, uma oriunda do corpo através do trabalho braçal, e a outra oriunda da mente através da criação poética. É interessante pensar na forma como essas atividades se desenvolviam e depois se tornavam partes de um mesmo processo.

O que acontecia no momento da criação de seus versos, como conseguia criá-los e ao mesmo tempo trabalhar a terra? Um Patativa que saía ao romper da aurora, de chapéu de palha, de mãos grossas do cabo das ferramentas para cultivar a terra, tarefa que fazia parte do seu fazer poético. Pois era no meio do roçado, em contato com a natureza, que Patativa criava os versos e deixava-os retidos na memória, “*porque eu fazia não era escrevendo. Todo meu poema eu só fiz assim, retido na memória*”.

Patativa não só memorizava com facilidade seus poemas, os recitava com perfeição, como também os criava na memória, “*faço a primeira estrofe e deixo retida na memória. A segunda, do mesmo jeito. A terceira e assim por dian-*

\* Mestranda em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Bolsista da FUNCAP. Professora do Departamento de Letras da FECLI/UECE.

<sup>1</sup> Todas as declarações de Patativa do Assaré foram extraídas de entrevistas que constam no livro *Patativa poeta pássaro do Assaré*. entrevistador Gilmar de Carvalho. Fortaleza. Omni Editora Associados Ltda., 2002.

te. *Pode ser um poema de trinta estrofes. Quando eu termino, estou com todas elas retidas na memória. Aí é só passar para o papel. Sempre fiz verso assim*". Há um intervalo entre o momento da criação e o da transcrição. O registro por escrito acontece alhures, a escrita é adiada, não é contemporânea da criação.

É na memória, portanto, que acontece todo processo de criação de sua obra. Uma atividade que desenvolve com rapidez, sem lhe causar muito esforço e quando não gosta de algum verso, apaga-o da mente, "*quando não simpatizo com verso, viu? Aí eu mudo, assim na mente, viu? Mudo assim na mente, qualquer coisa. Mas é muito raro, viu? Porque a beleza da poesia consiste na colocação das palavras. Toda palavra cabe no verso. Depende de saber colocar...*". Segundo Gilmar de Carvalho, "*é a memória que prevalece, memória que deixa de ser pura sedimentação, para ser o processo em que as conexões são feitas, a sensibilidade aflora, a voz poética se articula e o poema brota*"<sup>2</sup>.

O fazer poético, o processo de memorização dos versos, sua dinamicidade, a capacidade de lembrar das histórias e de dizê-las sem falhas, remetem à oralidade, que está relacionada com sua própria vida. As marcas da oralidade permanecem mesmo quando sua obra chega a livro, surgem "*múltiplas estruturas de manifestações simultâneas*" no dizer de Zumthor<sup>3</sup>.

Outro fato que também nos surpreende é o uso da linguagem. Ele utiliza a linguagem matuta e a linguagem padrão com a mesma facilidade. Escreve o professor Luís Tavares Júnior:

*Fenômeno da poesia popular, Patativa do Assaré é senhor de seu ofício, utilizando-se de uma linguagem dupla, ora de vocabulário e sintaxe do sertanejo nordestino, ora de uma lexicologia e de construções fraseológicas talhadas nos limites da linguagem padrão. Seus analistas são unânimes em realçar sua maestria no uso da linguagem, mais pendente para o rústico, o popular, o dialetal, por mais conforme, adequada aos fins de sua expressão de poeta do povo, poeta caboclo, que, por vezes, se utiliza do português padrão, como a insinuar que sua opção pela linguagem cabocla é fruto de deliberada vontade, por total integração com sua terra, sua gente e não por desconhecimento dos códigos letrados.*<sup>4</sup>

Apenas falar sobre a vida do sertanejo, parece não ser o suficiente para Patativa, precisaria de algo mais concreto, visível, que pudesse demonstrar a verdadeira situação de seu povo. Vejamos a seguinte estrofe do poema, *É coisa do meu sertão*:

O pobrezinho agregado  
No seu vivê de rocêro,  
Sem tê no borso dinhêro  
Nem onde comprá fiado,  
Se achando desarrumado,  
Desprevidado sem pão,  
Vendê na fôia argodão  
Por bem pequena quantia  
Pra comê mais a famia,  
È coisa do meu sertão.

Patativa tem uma preocupação em ser fiel ao pobre camponês não só na revelação dos acontecimentos, como também na linguagem, e diz: *rocêro, borso, dinhêro, fôia, comê, famia*, uma linguagem fonética, fiel à fala do matuto. Parece que ao utilizar a linguagem matuta, estaria ele melhor caracterizando o homem sertanejo, numa definição que mergulha na condição humana.

O primeiro poema que fez em linguagem matuta foi *Maria Gulora*, vejamos: "*Vem cá, Maria Gulora, Escuta, que eu vou agora / Uma coisa te contá. / É uma rescordação / Dos dia das ilusão / Que faz a gente chora*". O matuto chama *Maria Gulora* para contar uma "*rescordação do tempo da nossa infância*" e começa lembrando da casa que ela morou, do brinquedinho colosso – "*uma vaquinha de osso*", das brincadeiras de esconde-esconde, das corridas no cavalo de pau "*pros canteros de fulô*". Ao recordar todas essas coisas, diz: "*senti tão grande aflição, / que me abracei cum pilão, / pensando que era você*". A linguagem matuta deixa o universo sertanejo mais real e mais próximo do leitor ou ouvinte.

Ele sabe, no momento certo qual a linguagem que deve usar. Quando quer usa a linguagem matuta de uma determinada região, o poema *Inlustrissimo Sr. Elóia Tele*, um matuto do Piauí falando; e sabe usar uma linguagem erudita, o poema *O inferno, o purgatório e o paraíso*, criado nos moldes camonianos, explica:

*Ali é uma história muito bonita, mas pra quem não estudou muito, não é tão compreensível. Mas eu li todo e aprendi aquela forma de versificação dos "Lusíadas". É tanto que aquele meu poema "O Purgatório, o Inferno e o Paraíso", a versificação é aquela mesma: "das armas e barões assinalados, / que da ocidental praia lusitana, / por mares dantes nunca navegados..."*

<sup>2</sup> Carvalho, Gilmar de. *Patativa do Assaré: Pássaro Libertado*. Fortaleza: Museu no Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002. p. 57.

<sup>3</sup> Zumthor, Paul. *Introdução à poesia Oral*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

<sup>4</sup> Júnior, Luís Tavares. *Patativa: Um cordelista revisitado*. In: Assaré, Patativa do. Cordéis. UFC, 1999, p. 06.

A fonte de onde emana sua poesia é uma só e confessa: “A minha dificuldade é a mesma ou a minha facilidade<sup>5</sup>”. Qualquer que seja a linguagem de sua poesia, Patativa é cuidadoso com seus versos, tem preocupação com a correção da língua. Seu ateliê é a própria natureza, fonte viva de poesia, onde sua imaginação consegue ir além dos limites, porque “pra toda parte que eu oio vejo um verso se buli”.

Ele compara a poesia sem rima “com a fulô sem perfume” e com “uma noite iscura sem istrela e sem luá”. Mostra que, “pra gente aqui sê poeta / e fazê rima compréta, / não precisa professô; / basta vê no mês de maio, / um poema em cada gaio / e um verso em cada fulô”. Não é com aprendizagem formal e sistemática que muitos poetas populares aprendem a fazer poesia, mas algo brotando da natureza, e para completar esse quadro, Patativa - diferentemente de outros poetas que escrevem a poesia, como Manuel Caboclo, João Martins de Athayde, Rodolfo Coelho Cavalcante, Geraldo Gonçalves de Alencar – faz o poema na memória com a agilidade com que improvisava nos tempos de violeiro.

Em que livro Patativa aprendeu? Se foi no livro da natureza, “livro cheio de verdade / da beleza e de primô, tudo incadernado, iscrito / pelo pudê infinito / do nosso pai criadô”, podemos entender tantas referências e comparações com a natureza, percebendo sua presença tanto no nível do fazer como no nível do feito, numa convergência entre natureza e cultura.

Seu verso tem rima própria, “é como a semente que nasce inriba do chão”; sua rima é rasteira “de fruita de jatobá, / de fôia de gamelêra / e fulô de trapiá”, tem sonoridade, “de canto de passarinho / e da poêra do caminho, / quando a ventania vem”; sua linguagem é a da fome, da dor, da miséria, mas também do gorjeio dos pássaros, do sussurro dos ventos e dos suaves perfumes de flores quando o inverno chega. Segundo Pe. Antonio Vieira, no prefácio do livro *Ispinho e fulô*, diz que a “poesia é telúrica, colhida da terra, dos roçados como estivesse apanhando feijão, arroz, algodão, ou quebrando milho e arrancando batata e mandioca<sup>6</sup>”.

A vida de Patativa foi de trabalho e poesia, buscava na incansável rotina o prazer de viver e de fazer versos. Sua poesia estava em toda parte, como que pedindo para existir. Em Patativa, natureza e cultura se misturam porque ele fala daquilo que vive e do que sente. Sua poesia revela a relação íntima que o poeta tem com sertão, os dois passam a ser um só, porque um está ligado ao outro, porque vivem dentro um do outro “vivo dentro do sertão / e o

sertão dentro de mim”. Isso explica o fato de sua poesia brotar da terra, de o poeta nunca ter se afastado dela e de sempre cantar o sertão, louvando o lugar que lhe deu “um mundo cheio de rima”.

É Patativa representante de uma cultura, de um universo mediado pela experiência e pelo conhecimento que ele tem das coisas do sertão. Daí natureza e cultura não podem se separar, pois sua poesia está sintonizada com seu povo e ligada à terra. Patativa faz de sua realidade e das coisas do cotidiano, semente viva de poesia e vai tecendo seu tapete cujo desenho apresenta múltiplas formas, mas todas elas têm o perfume da natureza.

Patativa é dono de um terreiro poético, de onde germinam versos que cantam o “buliço da vida apertada / da lida pesada / das roças e dos eitos”. “Cada poeta nos deve, pois, seu convite à viagem”, no dizer de Bachelard<sup>7</sup>. Patativa nos convida a viajar, a fazer um passeio pelas trilhas de sua poesia, a sentir a vivacidade das imagens, o movimento das ações e uma sensação inebriante de beleza e de encanto.

## RERERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Assaré, Patativa do. *Inspiração Nordestina: cantos de Patativa*. São Paulo: Hedra, 2003.

\_\_\_\_\_. *Cante lá que eu canto cá*. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_. *Aqui tem coisa*. Fortaleza: Secult, 1994.

\_\_\_\_\_. *Ispinho e Fulô*. Fortaleza: UECE, 2001.

\_\_\_\_\_. *Cordéis*. Fortaleza: UFC, 1999.

Bachelard, Gaston. *O ar e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Carvalho, Gilmar de. *Patativa poeta pássaro do Assaré*: Fortaleza; Omni Editora Associados Ltda., 2002.

\_\_\_\_\_. *Patativa do Assaré: Pássaro Liberto*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

Feitosa, Tadeu. *Digo e não peço segredo*. São Paulo: Escrituras, 2001, p. 39.

Júnior, Luís Tavares. Patativa: *Um cordelista revisitado*. In: Assaré, Patativa do. Cordéis. UFC, 1999.

Vieira, Pe. Antônio. *Patativa do Assaré*. In: Assaré, Patativa do. Ispinho e Fulô. Fortaleza: UECE, 2001.

Zumthor, Paul. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

<sup>5</sup> Feitosa, Tadeu. *Digo e não peço segredo*. São Paulo: Escrituras Editora, 2001, p. 39.

<sup>6</sup> Assaré, Patativa do. *Ispinho e fulô*. Fortaleza, 2001, p. 16.

<sup>7</sup> Bachelard, Gaston. *O ar e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 04.